

Artigo Original

Construção do conhecimento e descolonização: qual é o verdadeiro papel dos professores e pesquisadores brasileiros?

Knowledge construction and decolonization: what is the true role of Brazilian teachers and researchers?

Carlos Kusano Bucalen Ferrari¹

1. Graduação em Ciências Biológicas (Modalidade Médica) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), Mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1998) e Doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2002). Autor do Livro: A Arte de Conciliar: Felicidade, Carreira e Sucesso. Amazon Books, Set. 2016. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS), Campus Universitário do Araguaia, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro da Academia de Ciências de Nova Iorque (NYAS) e da Society for Experimental Biology and Medicine (USA).

drcarlosferrari.ufmt@gmail.com

Palavras-chave

América Latina
Brasil
Ciência
Carlos Chagas
Conhecimento
Impacto social
Resolução de problemas

Keywords

Latin America
Brazil
Science
Carlos Chagas
Knowledge
Social impact
Problem solving

Artigo recebido em: 09.08.2019

Aprovado para publicação em: 14.08.2019

Resumo: O presente artigo visa promover uma saudável polêmica e desconstruir o modelo hegemônico vigente de “produção” e “impacto” do conhecimento que não interessa às nações menos desenvolvidas e privilegia a publicação compulsória em periódicos estrangeiros. O primeiro ponto é uma crítica à adoção reducionista de critérios bibliométricos como forma de classificação de revistas, seguida de outros aspectos crítico-reflexivos relacionados ao Sistema *Qualis-Capes*. Além de uma discussão crítica, pautada em conhecimento científico e filosófico, o presente artigo traz sugestões para a construção genuína do conhecimento e desconstrução do colonialismo científico vigente.

Abstract: This article aims to promote a healthy controversy and to deconstruct the current hegemonic model of “production” and “impact” of knowledge that does not interest the less developed nations and favors compulsory publication in foreign journals. The first point is a critique of the reductionist adoption of bibliometric criteria as a way of classifying journals, followed by other critical-reflexive aspects related to the *Qualis-Capes* System. In addition to a critical discussion, based on scientific and philosophical knowledge, this article offers suggestions for the genuine construction of knowledge and deconstruction of current scientific colonialism.

INTRODUÇÃO

Há décadas acompanho e critico a classificação de periódicos conhecida como Qualis Capes (CAPES, 2019).

Desde meu Mestrado fui forçado a publicar em tais revistas “qualificadas” e criticado quando publiquei em periódicos “não-qualificados”. Desde aquela época, publiquei em diversas revistas, que ainda não tinham qualis, mas eram da Editora Elsevier, da Springer e de Sociedades Científicas respeitadas internacionalmente do Leste Europeu ou Ásia, indiscutivelmente internacionais, com corpo editorial robusto, revisão por pares

(*peer-review*), elevada indexação (inúmeras bases indexadoras, em geral MEDLINE, CINAHL, Sportdiscus, Embase, Current contents: Science Citation Index e outras) e qualidade indiscutível.

O objetivo deste breve texto¹ é discutir e aprofundar a crítica em dois pontos: por que deveríamos publicar em revistas de uma lista chamadas qualis? E qual é a finalidade de oferecermos conhecimento gerado na universidade brasileira, fruto de investimentos pessoais e geralmente públicos, ou seja, da população brasileira, cuja aquisição não se dará em Português ou Espanhol, mas em inglês e que não estará disponível para o público Latinoamericano?

CRÍTICA AO SISTEMA QUALIS: POR QUE O MESMO ACEITOU ATÉ REVISTAS FALSAS OU PREDATÓRIAS?

O mais engraçado é que nos meus 21 de produção intelectual ininterrupta, sofri críticas por ter publicado em revistas que ainda não tinham conceito, mas ajudei a “qualificar” inúmeras revistas no sistema qualis que ainda não tinham nota. Pelo menos 15 periódicos foram por mim descobertos e hoje diversos deles têm qualis B2, B1, A2 e A1. Interessantemente, um dos periódicos tinha qualis B3 ou B4 no triênio 2007-2009 e saltou para B1 após a publicação de apenas um artigo da USP, embora diversas Universidades Federais e Estaduais (fora de SP) conceituadas já tivessem publicado artigos em triênios anteriores. Que paradoxo, não é?

Outro paradoxo que vi em diversos triênios foi, por exemplo, uma revista internacional, com elevados atributos científicos, intitulada *European Journal of Cardiovascular Prevention & Rehabilitation*, mantida pela Sociedade Européia de Cardiologia (<https://www.escardio.org/>) e publicada pelas Editoras Wolters/Kluwer (www.ejcp.com) e agora Sage-Taylor & Francis (<https://journals.sagepub.com/home/cpr>), apresentar apenas qualis B3 ou menor. Somente no triênio 2010-2012 a revista recebeu, finalmente, diversos qualis à altura de sua real qualidade, mas os paradoxos nas notas somam-se a centenas de periódicos de elevada qualidade que até hoje têm baixos conceitos ou nem aparecem no qualis.

Também vi na área de Saúde, revista totalmente inexpressiva, sem revisão por pares e com corpo editorial bastante modesto, receber, em determinada subárea da saúde, qualis A. Creio que certo pesquisador e seu grupo, não tendo conseguido publicar em revistas conceituadas e correndo o risco de perder seu *status* de pesquisador do CNPQ, conseguiu influenciar seus pares para inflar a nota daquele periódico. Tal periódico era mesmo ruim, tanto que no triênio seguinte recebeu C em todas as áreas e nos posteriores, simplesmente desapareceu.

Aliás, esta prática de “inflar” o qualis ocorre em diversas áreas do conhecimento de modo freqüente e, lamentavelmente, imoral e anti-ético (GAZETA DO POVO, 2019).

Outro paradoxo é o de periódicos brasileiros, em que uma reportagem cita 4 suspeitos (BAIMA, 2013), mas há pelos menos outros, em que é obrigatório citar artigos da própria revista para artificialmente aumentar o fator de citações, conhecido como fator de impacto (*impact factor*).

Para Silva (2009) o sistema qualis representa apenas “...um poder burocrático...acima e alienado da massa de docentes e pesquisadores, os quais não têm controle sobre os mesmos mas se veem obrigados a se submeterem”. Silva (2009) também põe em jogo a questão da neutralidade do Qualis, enquanto instrumento que pode favorecer alguns grupos de pesquisa em detrimento da maioria dos professores/pesquisadores, além de enfatizar que este sistema cria condições de desigualdade na produção e valorização do conhecimento pelos professores e pesquisadores.

Uma crítica não apontada por Silva (2009) trata-se dos fundamentos lógicos e epistemológicos do Qualis.

Nossa crítica se baseia também neste ponto, pois o qualis parte de pelos menos duas premissas falsas, a de que somente programas de pós-graduação fazem pesquisa e que as revistas qualificadas serão somente aquelas que apresentarem publicações de programas de pós-graduação *strictu-sensu* brasileiros. Isto significa um verdadeiro “Ensaio sobre a cegueira” (SARAMAGO, 1995), uma vez que há centenas de revistas de excelência nacional e internacional em que poucos ou nenhum brasileiro ainda publicou. Isto significa inverter a lógica: só pode ser boa aquela em que algum brasileiro publicou. Ou isto é muita pretensão ou é ilógico apenas.

Além disso, sempre foi errado haver diferentes qualis para cada área do conhecimento. Isto prejudica um dos fundamentos contemporâneos da pesquisa que é a transdisciplinaridade, ou seja, o diálogo saudável entre diferentes áreas na construção epistemológica. Muitos pesquisadores que orientam em programas de áreas diversas tiveram que deixar de prestigiar certos periódicos e procurar um pequeníssimo número de revistas que tinha qualis elevado nos diferentes programas de pós-graduação em que orientam. Isso é absurdo até para os Estadunidenses.

Ainda neste sentido, é importante ressaltar que a produção científica brasileira, ou seja, aquela chamada “qualificada” publica em pelo menos 485 periódicos predatórios (TUFFANI, 2017). Em tempo, periódico predatório é aquele que publica rapidamente, geralmente sem revisão por pares, pois seu interesse é apenas receber uma taxa que geralmente é cerca de 50 a 200 dólares. É importante ressaltar que hoje há diversos periódicos predatórios tentando se passar por sérios cobrando taxas mais elevadas (algo em torno de 500 a 1000 dólares ou 900 libras esterlinas).

Alguns pesquisadores têm denominado estas revistas também de *ghost journals* ou revistas fantasmas, uma vez que elas não apresentam corpo editorial e, muitas vezes, nem ISSN, omitindo informações importantes sobre o processo editorial, aprovando artigos em 48 h ou alguns dias e certas delas apresentando dados falsos sobre fator de impacto e indexações. Um estudo recente mostrou que um número muito expressivo de pesquisadores da Índia, Nigéria e Turquia publicam em periódicos predatórios falsos-fantasmas (*fake-ghosts periodicals*) (DEMIR, 2018).

Além disso, revistas falsas ou predatórias aceitam editores inexistentes ou falsos e também apresentam títulos similares aos dos periódicos reconhecidos cientificamente (SOROKOWSKI et al., 2017).

Além disso, há diversos periódicos que apresentam qualis considerável que constituem “periódicos clonados”. O verdadeiro periódico teve sua *homepage* clonada por um *site* falso que publicou artigos de pesquisadores de pós-graduação brasileiros ou não, após o pagamento de uma taxa de publicação (*article processing or publication charge*). Estes periódicos tiveram bons qualis, mesmo não sendo os verdadeiros. Podemos citar os periódicos Sylwan (Polônia. O verdadeiro *website* está indisponível: <http://sylwan.ibles.waw.pl/pls/apex/f?p=105:1:0>), Wulfenia (Áustria. Mantido Pelo Museu Regional de Carinthia. Verdadeiro *website*: http://www.landmuseum.ktn.gv.at/210226w_DE.htm?seite=15) e Jokkull (Islândia. Mantido pela Sociedade Islandesa de Estudos Glaciais. Verdadeiro *website*: <https://jokulljournal.is/>).

Por fim, pesquisadores da área de Medicina e Química e cerca de 60 editores de periódicos nacionais, principalmente da área de saúde, criticaram veementemente os critérios qualis, baseados tão somente em fator de impacto que desqualificam os periódicos nacionais e desmotivam as submissões aos mesmos (ANDRADE; GALEMBECK, 2009; ROCHA-E-SILVA, 2009; ANDRIOLO et al., 2010).

EM QUE LOCAL PUBLICAR: EM BUSCA DO DESCOLONIALISMO NAS PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

Uma das principais premissas que apontam para a necessidade de uma ruptura dos paradigmas na publicação de artigos e estudos se refere à qualidade das revistas do Hemisfério Sul. Diversos autores estrangeiros e nacionais criticam fortemente os artigos publicados em periódicos nacionais, mas a verdade é que a qualidade das revistas famosas foi posta em cheque.

Considerando que 85% dos artigos biomédicos, publicados em periódicos de prestígio internacional, como *Science*, *Nature*, *Cell* e muitos outros periódicos biomédicos, não tiveram seus resultados reproduzíveis, ou seja, apresentam resultados falsos ou “fabricados” (IOANNIDIS, 2005), isto constitui mais um motivo para prestigiarmos revistas nacionais, latinoamericanas, africanas, do Leste europeu e da Ásia.

Rocha-e-Silva (2009) levanta a questão da crueldade do qualis na desqualificação das revistas nacionais e termina seu artigo clamando por algum patriotismo ou apoio mínimo aos periódicos nacionais.

Deste modo, o Brasil, ao contrário da Colômbia, Argentina, Uruguai, Ecuador e diversos outros países Latinamericanos, segue a cultura de supervalorização de revistas internacionais. Porém, nestes e em outros países do mundo, periódicos nacionais são valorizados, uma vez que se compreende que o conhecimento gerado por uma nação deve estar disponível e ser utilizado por seus cidadãos.

Um caso emblemático de colonização e desvalorização da Ciência Tropical foi a perda em três ocasiões do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia.

A descoberta de Doença de Chagas, sua transmissão pelo vetor barbeiro, o agente causador (um protozoário), os principais sinais e sintomas e a busca por uma cura foram todas propostas por Carlos Chagas, considerado um dos maiores pesquisadores médicos do mundo e que não recebeu o Prêmio Nobel por inveja, oposição política (COUTINHO et al., 1999) e colonialismo de seus adversários compatriotas. O principal artigo de Chagas que descreve a nova doença foi publicado em Francês na revista *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique* (CHAGAS, 1909) que justamente por causa do produtivismo e colonialismo vigentes, hoje recebe notas baixas no qualis devido ao seu menor fator de impacto, pois americanos, ingleses e outros recusam-se a ler artigos em Francês.

Diversos autores nacionais demonstraram que o hemisfério Norte apresenta hegemonia científica e um de seus instrumentos é exatamente controlar os critérios de publicação e circulação do conhecimento o que leva a uma exclusão de pesquisadores do hemisfério Sul (exceto da Austrália e algumas exceções da África do Sul) que tornaram-se “marginais” na ciência (ROSA; ALVES, 2011).

É importante ressaltar que a Sociologia brasileira influenciou e continua a fazê-lo no mundo todo, inclusive a Europa, tanto que a Sociedade Brasileira de Sociologia impôs ao qualis uma classificação diferenciada dos periódicos da área de Ciências Sociais (ROSA; ALVES, 2011; MIGLIEVICH-RIBEIRO; ROMERA, 2018).

O colonialismo científico faz inclusive com que a ciência Latinoamericana, seja ameríndia ou negra, venha a ser menos valorizada que aquela produzida nos Estados Unidos ou Europa Ocidental e na parte influente e rica da Ásia.

Segundo Cláudio Costa Pinheiro, diretor da Sepsis “o conceito ocidental baseado na experiência européia não dá conta de toda a realidade”, de modo que uma das saídas principais para este paradoxo e entrave ao pensamento, à política e à sociedade brasileira é o fortalecimento das relações Sul-Sul (PINHEIRO, 2014).

Neste sentido, o Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA, <https://portal.unila.edu.br/imea>) foi o órgão embrião na formação da UNILA, em Foz do Iguaçu (PR).

A criação da Universidade Federal da Integração Latinoamericana (UNILA, www.unila.edu.br), na fronteira trinacional (Argentina-Brasil-Paraguai) e da Universidade Federal da Integração Luso-Brasileira (UNILAB, www.unilab.edu.br), sediada no Ceará e Bahia, veio favorecer o diálogo Sul-Sul e Luso-Brasileiro-Africano, contribuindo com o início da descolonização contra a supremacia promovida pelo Hemisfério Norte, que ainda é hegemônica e cada vez mais intensa e paradigmática.

Embora a criação do novo Qualis 2019 tenha incluído um número extenso de periódicos nacionais com boas notas, ainda há o forte receio que as áreas específicas recusem artigos publicados em periódicos nacionais, especialmente se forem inter-ou multidisciplinares ou sejam de outras áreas, mas que aceitem enfoques daquela área que é objeto de estudo. Isto porque precisamos considerar que parte expressiva da comunidade científica brasileira é ainda colonizada e reducionista.

Como saída para estes paradoxos, valorizando a produção científica da mulher, das Universidades de todas as regiões do país (e não apenas do Sudeste!), a produção de conhecimento étnico ameríndio e afrobrasileiro, saber este que é fundamental na compreensão, disseminação e compreensão dos problemas brasileiros (BARBOSA et al., 2014; MALIGHETTI, 2014; TRISTÃO, 2016), é *mister* a valorização das revistas nacionais, Latinoamericanas e Ibéricas, assim como a criação de grupos, núcleos, institutos e universidades de integração Latinoamericana e Caribenha, Ibérica e também com outros países, como a China, a Rússia, Cuba, Turquia, Índia, África do Sul, França, Bélgica, Japão, Alemanha e países do Leste Europeu e Ásia.

VALORIZAR OUTRAS FORMAS DE PRODUÇÃO, DISSEMINAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO

O atual sistema que valoriza a publicação de “*papers*” reforça um modo de produção que se esgotou e não responde às demandas da sociedade, servindo apenas para “engordar currículos” de pesquisadores e alunos.

O valor de um pesquisador/professor não pode ser mensurado apenas por quantidade de artigos, mas sim pelo conjunto da obra.

Neste sentido, livros, produtos científicos, materiais e produtos didáticos, patentes e produtos sociais e tecnológicos devem ser valorizados, especialmente se contribuem para o desenvolvimento da ciência, da cultura, da História, da tecnologia e da sociedade de nosso país e de países similares ao nosso.

Uma invenção vale mais que 400 artigos publicados em revistas especializadas, ou simplesmente tem importância inestimável devido a seu impacto na vida das pessoas.

Por exemplo, alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), em Juína, criaram uma fralda ecológica, biodegradável, a base de amido de mandioca (CAMARGO, 2018). Já imaginou quanto lixo a menos será produzido por este tipo de fralda?

Outro exemplo, desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro, campus Xerém em Duque de Caxias, é o de uma embalagem que indica quando o alimento estragou (SITEBARRA, 2019). Quantas pessoas deixarão de passar mal ou adoecer devido ao consumo de alimentos estragados?

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Primeiramente, sugerem-se as seguintes melhorias no sistema Qualis-Capes:

1) Que o sistema não se baseie apenas em métricas de citação de artigos, mas considere indexações do periódico, corpo editorial e presença de normas claras quanto a todos os passos do processo editorial, desde a revisão por pares, questões éticas (política anti-plágio e de retratação de autores que cometerem fraudes), prazos para a publicação até a publicação final do artigo;

2) Que capítulos de livro e livros sejam mais valorizados, especialmente os publicados em língua portuguesa ou espanhol;

3) Que periódicos com fator de impacto, indexações relevantes (*MEDLINE, Science Citation Index, Pubmedcentral, Cinahl, Edubase, Food Science and Technology Abstracts, Cuiden, Chemical Abstracts*, etc) e de reputação científica, mesmo que não constem da lista Qualis tenham uma nota digna. Por exemplo, o *Journal of Food and Drug Analysis*, da Elsevier, revista internacional com elevado fator de impacto (4,176), que já teve boas notas no Qualis (B1, A2), desapareceu da lista preliminar do novo Qualis. Quem publicar nela não pode ser prejudicado, mas valorizado também. É preciso haver uma lista com critérios bem definidos para inclusão de novos periódicos e estimativa imediata dos possíveis conceitos (não dá para esperar o próximo triênio!);

4) Sejam detectadas fraudes com maior rapidez em revistas, sendo as mesmas rebaixadas ou desclassificadas;

5) Comissões da Capes que porventura tenham beneficiado algum de seus pares inflando nota de periódico sejam destituídas de suas funções e impedidas de retornar à Capes e o(s) pesquisador(es) beneficiados com a fraude percam sua bolsa de produtividade (e outros fomentos) e seu acesso a futuros editais de pesquisa por um período mínimo a ser estabelecido (talvez de 10 anos);

6) Identifiquem-se os periódicos predatórios e os mesmos sejam descartados da lista Qualis;

7) Que os periódicos nacionais, latinoamericanos e de países em desenvolvimento tenham maior qualis. Em tempo: de fato não há revistas internacionais, mas existem revistas Estadunienses, Francesas, Alemãs, Inglesas e Holandesas, dentre outros países, sendo hoje a maioria das revistas pertencentes a editoras privadas que sobrevivem devido ao conhecimento gerado, muitas vezes, com dinheiro público;

8) Que os principais critérios para avaliação de periódicos sejam, além das características bibliométricas (indexação, corpo editorial, cumprimento de prazos de editoriais, etc), os 17 objetivos do desenvolvimento sustentável do PNUD/ONU (PNUD/BRASIL, S.D.). Quanto maior for o número de artigos que cumprem uma ou mais metas do ODS, maior é seu impacto para o desenvolvimento científico, tecnológico e social e, portanto, maior deveria ser sua nota no Qualis. Ao contrário, artigos que não cumprem requisitos do ODS recebem menor conceito;

9) Que periódicos pagos tenham menor nota no qualis, pois quem deveria pagar pelo conhecimento a ser publicado é a revista e não os autores, tratando-se de outro caso de lógica invertida. Do mesmo modo, periódicos gratuitos e de acesso livre devem ser valorizados com maior nota no Qualis.

Em decorrência do que foi criticamente discutido, o papel dos professores e pesquisadores brasileiros é construir o jeito brasileiro de fazer ciência, valorizando o impacto social e tecnológico das pesquisas e sua importância na busca de soluções e tecnologias brasileiras para nossos problemas locais, regionais e nacionais.

Deste modo, propõem-se as seguintes medidas nos ensinos desde a educação básica, graduação e pós-graduação:

- 1) Intensificação da implementação de metodologia ativas na educação;
- 2) Introdução e/ou aperfeiçoamento no ensino de filosofia da ciência, epistemologia, História da Ciência, Lógicas das Ciências, Ciência *versus* senso-comum, Ciência da implementação de projetos e estudos e redação científica e não apenas cursos com conteúdo engessado denominados de “metodologia da pesquisa científica”;
- 3) Disciplinas sobre resolução de problemas, criação e gestão relacionados a aspectos técnicos, científicos, econômicos e sociais;
- 4) Disciplinas sobre interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, gênero e etnia, cultura e História do Negro e dos Povos indígenas;
- 5) Disciplinas de Informática aplicadas à resolução de problemas e possível construção de programas e aplicativos;
- 6) Disciplinas e conteúdos para ensinar o trabalho cooperativo e em equipe, bem como a formação de grupos, núcleos, institutos e universidades de integração de diferentes nações com o Brasil;
- 7) Dar enfoque à associação de teoria e prática e desconstruir nossa cultura de conhecimento apenas como erudição que valoriza a teoria, importando-se pouco com a prática, a importância social e a resolução dos problemas;
- 8) Curso sobre como realizar pesquisas científicas na escola com turmas focadas nos professores e turmas específicas para os alunos desde os anos finais do ensino fundamental;
- 9) Ensino de empreendedorismo, formação de cooperativas, patentes e inovação.

NOTA

1. O artigo é uma homenagem a Levi Bucalem Ferrari, meu pai, ex-presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), sociólogo, cientista social, professor, administrador público, romancista e poeta. Foi autor de romance premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (“O seqüestro do Senhor Empresário”, prêmio APCA), da “A Portovelhaca e as outras”, poema que homenageia a rica cultura de Rondônia e da Amazônia, e outros romances, contos e poemas. Diversas críticas aqui apresentadas originarem-se de frutíferas discussões entre ele, meu irmão Paulo Kusano Bucalen Ferrari e eu.

REFERÊNCIAS

A GAZETA DO POVO. **Qualis “inflado” em revistas de administração: entenda os cálculos.** Curitiba, 08 de Junho de 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/qualis-inflado-em-revistas-de-administracao-entenda-os-calculos/> [09/08/2019].

ANDRADE, J.B. DE; GALEMBECK, F. Qualis: Quo vadis? **Quim. Nova**, v.32, n.1, p.5, 2009.

ANDRIOLO, A.; ET AL. Classificação dos periódicos no sistema qualis da capes – A mudança dos critérios é urgente! **Psicol. Estud.**, v.15, n.1, p.1-4, 2010.

BAIMA, C. **Empresa aponta possível fraude em periódicos científicos brasileiros. Publicações foram punidas por citações cruzadas.** Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/empresa-aponta-possivel-fraude-em-periodicos-cientificos-brasileiros-9722072> [09/09/2019].

- BARBOSA, V.J.; BISSOLI, L.D.; LOSEKAM, C. **A descolonização epistemológica na prática: Pensamento de outros modos com as comunidades negras da Colômbia.** Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades. Vol1.,n.1, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/getpol/article/viewFile/3634/2887> [09/08/2019].
- CAMARGO, S. **Estudantes do Mato Grosso criam fralda biodegradável com amido de mandioca.** Conexão Planeta, 20 de Abril de 2018. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/estudantes-do-mato-grosso-criam-fralda-biodegradavel-com-amido-de-mandioca/> [11/08/2019].
- CAPES. **Plataforma Sucupira.** Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculo-PublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf> [09/08/2019].
- CHAGAS, C. Nouvelle spèce de trypanosomiase humaine. **Bull. Soc. Pathol. Exot.**, v.2, p.6, 304-307, 1909.
- COUTINHO, M.; FREIRE JR, O.; DIAS, J.C.P. The Noble enigma: Chaga's nominations for the Nobel Prize. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, v.94, supl.1, p.123-129, 1999.
- DEMIR, S.B. Predatory journals: who publishes in them and why? **J Informat.**, v.12, n.2, p.1296-1311.
- IOANNIDIS, J.P.A. Why most published research findings are false. **PLOS Med**, v.2, n.8, e124, 2005.
- MALIGHETTI, R. Antropologia pela educação. Notas por uma descolonização do pensamento. **EDUC. SOC.**, v.35, n.128, p.843-856.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, A.; ROMERA, E. Orientações para a descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel. **Sociologias**, v.20, n.47, p.108-137.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **As Perguntas mais frequentes sobre os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS).** Brasília, s.d. 28pp. Disponível em: https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/ODS/Projeto%20ODS_FAQ%20-.pdf [15/08/2019].
- PINHEIRO, C.C. Entrevistado por Henrique Kluger. **Descolonização do pensamento.** Ciênc Hoje, v.52, n.312, p.6-9, 2014.
- ROCHA-E-SILVA, M. O novo qualis, ou a tragédia anunciada. **Clinics**, v.64, n.1, p.1-4.
- ROSA, A.R.; ALVES, M.A. Pode o conhecimento em gestão e organização falar português? **RAE-Rev Adm Emp**, v.51, n.3, p.255-264.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira.** Companhia das Letras. São Paulo, 1995.
- SILVA, A.O. A sua revista tem qualis? **Mediações**, v.14, n.1, p.117-124, 2009.
- SITEBARRA. **Estudantes brasileiros criam embalagem que indica se a comida está estragada.** Disponível em: <https://sitebarra.com.br/novo/2019/06/estudantes-brasileiros-criam-embalagem-que-indica-se-a-comida-esta-estragada.html> [11/08/2019].
- SOROKOWSKI, P.; KULCZYCKI, E.; SOROKOWSKA, A.; PISANSKI, K. Predatory journals recruit fake editor. **Nature**, v.543, p.481-483, 2017.
- TRISTÃO, M. Educação ambiental e a descolonização do pensamento. **Rev Eletr Mestr Educ Amb**, Julho, p.28-49, 2016.
- TUFFANI, M. **Site mostra que pós-graduação brasileira publica em 485 periódicos predatórios.** Blog Direto da Ciência, 17 de Novembro de 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Clara/Desktop/qualis.artigo/Site%20mostra%20que%20p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20publica%20em%20485%20peri%C3%B3dicos%20predat%C3%B3rios%20_%20Direto%20da%20Ci%C3%A7ncia.html